



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS – UFT  
CAMPUS DE PORTO NACIONAL – CUPN  
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS – RI  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II – TCC II**

**NAELENE PEREIRA COSTA**

*fast fashion e slow fashion nas tensões acerca da indústria têxtil e do trabalho de mulheres: a cadeia produtiva da moda e seus impactos.*

**Porto Nacional – TO  
2022**

**naelene pereira costa**

Monografia apresentada ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Tocantins como requisito final à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Gleys Ially Ramos

**Porto Nacional – TO  
2022**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- C837f Costa, Naelene Pereira.  
Fast fashion e slow fashion nas tensões acerca da indústria têxtil e do trabalho de mulheres: a cadeia produtiva da moda e seus impactos. / Naelene Pereira Costa. – Porto Nacional, TO, 2022.  
47 f.  
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Relações Internacionais, 2022.  
Orientador: Gleys Ially Ramos  
1. Cadeia produtiva da moda. 2. fast fashion. 3. slow fashion. 4. indústria têxtil. I. Título

**CDD 320**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

**NAELENE PEREIRA COSTA**

**FAST FASHION E SLOW FASHION NAS TENSÕES ACERCA DA INDÚSTRIA  
TÊXTIL E DO TRABALHO DE MULHERES: A CADEIA PRODUTIVA DA MODA E  
SEUS IMPACTOS**

Monografia apresentada ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Tocantins como requisito final à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Gleys Ially Ramos

Data de aprovação: 13/06/2022

Profa. Dra. Gleys Ially Ramos – Orientadora  
Relações Internacionais  
Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Profa. Liza Aparecida Brasília  
Ciências Sociais  
Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Profa. Msc. Nayara Gallieta Borges  
Relações Internacionais  
Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Porto Nacional, 2022

*“Hay más política en tu bolsa de la compra que  
en las urnas” (Nathalia Orquera)*

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais e irmãos, que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

Aos amigos, que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período de tempo.

À professora Gleys Ially, por ter sido minha orientadora e ter desempenhado tal função com dedicação e amizade.

Às pessoas com quem convivi ao longo desses anos de curso, que me incentivaram e que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica.

A vocês, minha gratidão.

## **RESUMO**

O trabalho de conclusão de curso aborda as práticas da indústria da moda, destacando a dicotomia entre fast fashion e slow fashion. Enquanto o fast fashion está associado ao consumo demasiado, trabalho precarizado e impactos ambientais negativos, o slow fashion defende a sustentabilidade, o ativismo ambiental e a valorização da mão de obra feminina na cadeia produtiva. O estudo desta a importância de repensar os modelos de produção de práticas mais éticas e sustentáveis.

**Palavras-chave:** Cadeia produtiva da moda; fast fashion; slow fashion; indústria têxtil.

## **ABSTRACT**

The final paper addresses the practices of the fashion industry, highlighting the dichotomy between fast fashion and slow fashion. While fast fashion is associated with too much consumption, precarious work and negative environmental impacts, slow fashion advocates sustainability, environmental activism and the valorization of female labor in the production chain. The study highlights the importance of rethinking production and consumption models in the fashion industry aiming to promote more ethical and sustainable practices.

**Keywords:** Fashion production chain; fast fashion; slow fashion; textile industry.

## **LISTAS DE ABREVIACÕES**

ABIT – Associação Brasileira da Indústria Têxtil e da

Confecção  
CAO – Comunidade de África Oriental

FF – Fast Fashion

ONG – Organização Não Governamental.

ONU – Organização das Nações Unidas.

OIT – Organização Internacional do

Trabalho  
OI – Organizações Internacionais

SF – Slow Fashion

## LISTAS DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> Esquema organizacional do movimento <i>Slow Fashion</i> .....	18
<b>Figura 2</b> – Desenho de uma cadeia produtiva da moda.....	20
<b>Figura 3</b> – Mosaico com imagens do documentário “ <i>The True Cost</i> ” .....	28
<b>Figura 4</b> – Espaços de vendas de roupas na África Ocidental.....	31
<b>Figura 5</b> – Notícia sobre o Deserto do Atacama pela BBC News.....	32
<b>Figura 6</b> – Ciclo de reuso e reciclagem propostos pelo <i>Slow Fashion</i> .....	33
<b>Figura 7</b> Vista aérea do lixão no deserto do Atacama .....	39
<b>Figura 8</b> – Safia Minney.....	40
<b>Figura 9</b> – Vandana Shiva .....	40

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 Das teorias propostas .....</b>	<b>15</b>
<b>1.2 Da metodologia .....</b>	<b>17</b>
<b>2 CHAVES CONCEITUAIS DO DEBATE .....</b>	<b>19</b>
<b>2.1 Os Conceitos de <i>Fast Fashion</i> e <i>Slow Fashion</i> .....</b>	<b>19</b>
<b>2.2 Cadeia Produtiva Da Moda .....</b>	<b>21</b>
<b>2.3 Gênero como categoria útil de análise e “o lado invisível da Economia” .....</b>	<b>23</b>
<b>3 DO DOCUMENTÁRIO “<i>THE TRUE COST</i>” ÀS REIVINDICAÇÕES EMREDE.....</b>	<b>28</b>
<b>3.1 O Documentário “<i>The True Cost</i>” (O verdadeiro Custo) .....</b>	<b>28</b>
<b>3.2 O Ciclo da roupa no <i>Fast Fashion</i> .....</b>	<b>30</b>
<b>3.3 O Descarte e a problemática ambiental internacional.....</b>	<b>32</b>
<b>4 <i>SLOW FASHION</i> E O COMBATE AO TRABALHO ANÁLOGO À ESCRAVIDÃO: ALGUMAS PERSPECTIVAS .....</b>	<b>34</b>
<b>4.1 Ponto de Crítica aberta: as referências da <i>Fast Fashion</i> Internacional.....</b>	<b>34</b>
<b>4.2A indústria Têxtil: referências Internacionais.....</b>	<b>37</b>
<b>4.3 Alguns pontos no caso brasileiro.....</b>	<b>39</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta não é uma análise sobre roupas, ou sobre moda. Este trabalho objetiva analisar as relações entre o trabalho de mulheres pela indústria têxtil tomando por crivo o *Fast Fashion* e quais têm sido os impactos oriundos desse tipo de modelo atrelado ao universo da moda e que envolvem relações de trabalho, mulheres e consumo. Para além dessa relação há o objetivo também de compreender as escalas espaciais em que esse tipo de lógica se acentua, compreendendo que há impactos significativos no cotidiano de trabalho das mulheres, e há uma potencialização das mazelas sociais e ambientais. O objetivo geral é trazer uma visão ampla sobre a cadeia produtiva da moda, desde a matéria prima até o descarte e de que maneira somos ligados ao trabalho realizado por mulheres em situação de precarização e vulnerabilidade.

O preço das roupas vem diminuindo há décadas, enquanto os custos humanos e ambientais aumentam dramaticamente. *The True Cost* é um documentário que abre a cortina da história não contada e nos pede que consideremos: quem realmente paga o preço pelas nossas roupas? Quem faz nossas roupas? Filmado em vários países do mundo e apresentando entrevistas com os principais influenciadores do mundo, incluindo Stella McCartney, Livia Firth e Vandana Shiva, *The True Cost* é um projeto que nos convida a uma jornada reveladora na vida de muitas pessoas, ao redor do mundo e lugares por trás de nossas roupas.

Saindo de um lugar de completa ignorância e, por casualidade, caminhando lentamente para uma condição de morosa compreensão através do documentário *The true cost*, foi possível começar a compreender que a roupa que chega a todos nós, não tem um caminho tão simples como imaginamos. Claro que é de conhecimento de todos que há uma fabricação, há mão de obra envolvida, há empresas que levam o produto das mãos dos fabricantes até seu destino final. Sempre foi assim, então o que muda agora?

O que se altera é a velocidade em que esse mercado produz. Há três ou quatro décadas atrás o ritmo de consumo era completamente o oposto. Não havia plataformas de contato tão rápidas, que colocavam o consumidor em contato veloz com o objeto desejado. Esse processo acelerado de produção e compra de produtos têxtil foi denominado de *fast fashion*. *Fast Fashion* é uma expressão de origem inglesa que numa tradução livre significa “moda rápida”. Foi intitulado assim, pois o que o caracteriza é a obtenção, consumo e descarte frenético, onde a aquisição de novas peças sempre é estimulado.

Apesar de ser um caminho simples de se compreender, não é um caminho fácil de se percorrer, principalmente quando se começa a ter um vislumbre maior do que move todo o setor têxtil.

Segundo o documentário, o caminho entre, reunir matéria prima e entregar o produto final nas mãos do consumidor envolve muitos cenários, muitas pessoas e entre um passo e outro há inúmeras condições que podem ser classificadas como: exploração da mão de obra, ciclo de permanência da pobreza, trabalhos análogos a escravidão, impacto negativo na agricultura, consequência para o meio ambiente e também uma parte pouco manifestada, que é o ciclo pós uso das roupas. Apenas com essas pontuações é possível ver que há muitos pontos significativos. Essas são algumas das razões pelo qual optei por discorrer sobre a mão de obra na indústria têxtil, porém elejo esse tema principalmente porque envolve mulheres.

Diferentes mulheres espalhadas pelo mundo, de diferentes classes sociais, com diferentes realidades. O documentário *The True Cost*, que em português foi traduzido para *O verdadeiro Custo*, dirigido pelo diretor e roteirista Estadunidense Andrew Morgan, é sobre roupas, sobre pessoas que fazem essas roupas, sobre as roupas que vestimos e sobre o impacto que há no mundo oriundo desse movimento. Um ponto importante é que, segundo o documentário, por volta dos anos 60, 95% das roupas compradas pelos estadunidenses eram produzidas e vendidas dentro do próprio país. Hoje essa porcentagem chega a cerca de 3%. Atualmente 97% dessas roupas são produzidas em países em desenvolvimento como Bangladesh, Camboja, China, Vietnã entre outros países, especialmente do Sudeste Asiático.

Essa terceirização faz com que a roupa que compramos seja mais barata e faça surgir um modelo de consumo nunca antes visto, o *Fast Fashion*. O movimento fast fashion muda a maneira como compramos e vendemos roupas, com a finalidade de nos fazer consumir num volume maior e numa velocidade mais alta. Basicamente a indústria da moda, através desse movimento faz com que o mercado global seja um lugar onde se exporta o trabalho a ser executado, nas condições que grandes empresas querem, onde os produtos chegam baratos, sem ter que pensar em custo de produção.

John Hilary, diretor executivo da entidade filantrópica *War on Want* diz que: “a produção globalizada, basicamente, que toda produção de bens tem sido terceirizada para economias de baixos custos, particularmente onde os salários são baixos e permanecem baixos. E isso significa que aqueles que estão no topo da cadeia de valor, podem escolher onde os produtos são feitos, e podem mudar de local caso a fábrica se recuse a ceder”.

Essa afirmação também é feita pelo presidente do grupo TAL, Roger Lee, segundo ele, em algum momento, toda essa pressão vai forçar uma ‘explosão’. Ou o preço do produto sobe ou os fabricantes têm que fechar ou reduzir custos para operar.

Geralmente reduzir custos é a opção escolhida, não importando as consequências. Prova disso foi o desabamento do prédio Rana Plaza em Dhaka, Bangladesh em Abril de 2013. O edifício possuía oito andares dos quais pelo menos três eram ocupados por trabalhadores têxtil. Segundo relatos de sobreviventes, os operários já haviam feito notificações sobre a vulnerabilidade do local algumas semanas antes do ocorrido, apesar disso, não houve nenhum tipo de ação voltada para a resolução do problema. Esse foi o maior desastre da indústria da moda que se tem conhecimento até hoje. Aproximadamente 1.135 pessoas morreram e mais de 2.500 ficaram feridas. Entre os sobreviventes é possível encontrar relatos descritivos do momento do desabamento, como de uma jovem trabalhadora que relata como agonizante ao ponto de não conseguir ao menos chorar.

Essa enorme indústria que gera benefícios para um grupo pequeno de pessoas, é ineficaz em dar apoio aos seus milhões de trabalhadores adequadamente. Por que, apesar de gerar muito lucro, essa indústria não é capaz de garantir segurança? Estamos falando de direitos humanos básicos. Porque não é capaz de garantir esses direitos ao mesmo tempo que gera lucros enormes? Será que não funciona de acordo com a lei? Segundo Benjamin Powell, diretor do Instituto Free Market, a produção de baixo salários, conhecidos como sweatshops – numa tradução livre, significa fábricas de suor – são as opções mais comuns. Sweatshops são lugares com más condições de trabalho do ponto de vista da maioria dos países desenvolvidos. Salários baixos, trabalho infantil, violação à legislação laboral do país e lugares nos quais as pessoas optam por trabalhar, dadas as diversas vulnerabilidades. É parte do processo que eleva os padrões de vida e leva a maiores salários e a melhores condições de trabalho. As causas imediatas de desenvolvimento são capital físico e tecnologia de trabalho. Quando as oficinas se instalam nesses países, esses elementos trazem esses trabalhadores e começa o movimento desses processos.

Os trabalhos nesses locais parecem horríveis em se tratando de salários e ambiente para qualquer pessoa no ocidente que tenha dinheiro suficiente para comer, porém dentro dessa conjuntura é necessário dizer que o poder de escolha não é algo que exista, essa não é uma realidade desses operários. Sendo assim, acaba por existir uma repetida justificativa para a manutenção desse ciclo de trabalho é a de que, mesmo dessa forma fria, ainda sim a exploração precisa existir pois ela é a única maneira de sobrevivência dessas sociedades.

## 1.1 Das teorias propostas

As análises aqui estão sendo organizadas via duas teorias dentro das Relações Internacionais. Justificamos as duas teorias por entender uma complexidade nas categorias que surgiram no decorrer dos debates e na necessidade de amparar as abordagens que foram aparecendo como necessárias. Sintetizamos, portanto as abordagens aqui entre a Teoria Crítica e a Teoria Feminista.

A Teoria Crítica reconhece a necessidade de refletir sobre uma realidade em constante mudança e assume seu interesse em transformar tal realidade no sentido de superar as formas de dominação existentes (NOGUEIRA E MESSARI, 2005, p. 140). Enquanto a Teoria Feminista constitui uma das áreas de maior atuação do movimento feminista e tem fortalecido os estudos sobre a globalização. A condição feminista encontrou na globalização uma área de atuação para exercer suas plataformas políticas (NOGUEIRA E MESSARI, 2005, p. 227).

Outras possibilidades de a Teoria Crítica adentrar nas perspectivas estão alinhadas ao fato desta ser uma perspectiva alternativa nas relações internacionais, ao contrário de outras áreas como as ciências sociais onde a teoria crítica já possui uma ampla tradição. Nas relações internacionais a Teoria Crítica vem desafiar as visões convencionais, ou seja, as teorias realista e liberal.

Com o acirramento da Guerra Fria durante os anos 1980, cresceram as demandas por uma perspectiva alternativa que considerasse em suas análises os desafios que a ameaça nuclear, a pobreza, o terrorismo, a devastação do meio ambiente, etc. Colocavam, de maneira dramática, para humanidade como um todo (NOGUEIRA; MESSARI, 2005 p.133).

Ainda sobre isso Nogueira e Messari (2005) afirmam que a Teoria Crítica traz o marxismo para o centro dos debates e procura resgatar elementos que permitam uma visão não determinista e não economicista da realidade social. Para além disso, compreender a importância dos mecanismos de alienação que impedem de distinguir a realidade objetiva das construções sociais destinadas a promover o interesse de uma classe, isto é, a classe dominante.

Mas nas análises a Teoria crítica sozinha não daria conta de abordar todas as perspectivas, tendo em vista que, mesmo se revisando, ainda há limites. Ou seja, ainda existem versões marxistas que insistem na história como governada pela lógica inexorável da luta de classe, definida pelas relações sociais de produção (NOGUEIRA; MESSARI, 2005).

A questão que fica é: mas e as relações de reprodução? Ou as questões em que os sujeitos são subalternos e duplo ou triplamente acometidos por opressões que não somente as de classe? É nesse sentido que a Teoria Feminista se apresenta nas relações internacionais. Alguns estudiosos já admitem que as teorias tradicionais não dão conta da complexidade que envolvem as mulheres, ou não tem instrumentos suficientes para as análises de cunho feminista. Nesse sentido:

Uma outra interpretação feminista para as RI é a do feminismo socialista. Para as socialistas, as diferenças entre condições materiais de existência de homens e mulheres são a base da opressão feminina – a principal fonte do patriarcado é, assim, o controle dos homens sobre o trabalho feminino, principalmente o reprodutivo. Os socialistas procuram mostrar como a separação entre o trabalho produtivo e o reprodutivo serve apenas a interesses masculinistas sob o capitalismo (MONTE, 2013, p. 74).

Ainda para esta autora, a desvalorização e naturalização do trabalho reprodutivo das mulheres permite a organização do sistema capitalista tal como é. A consideração do trabalho reprodutivo como parte integrante e importante das atividades econômicas colocaria em xeque a produtividade das grandes corporações, dependente do trabalho não reconhecido e muito menos remunerado que as mulheres fazem de manutenção do lar e criação dos filhos (MONTE, 2013, p 75).

O que aproxima ainda mais da Teoria Feminista nas relações sociais são as aproximações com conceitos e categorias chaves. Uma das áreas de maior atuação não só teoria como do movimento feminista tem sido o estudo da Globalização, uma vez que a Globalização apresenta às vertentes feministas críticas e oportunidades de articular movimentos de resistência e solidariedade em escala global (NOGUEIRA; MESSARI, 2005).

Concordamos com Monte (2003, p. 75) que a teoria feminista nas relações internacionais se aproxima e se fortalece das questões ontológicas e epistemológicas das abordagens pós positivistas. O gênero como fonte complexa de organização de poder, instituições e hierarquias torna-se cada vez mais central para os Estudos de Gênero na área de atuação em RI, rejeitando a redução de mulheres, mulheres e gênero a categorias homogêneas ou secundárias.

## 1.2 Da metodologia

O trabalho tem cunho qualitativo e embora não tenha sido alvo de discussões, trabalhamos com as perspectivas interseccionais. Trouxemos a interseccionalidade para poder apresentar uma visão mais consentânea com a realidade, isso é necessário para fazer a intersecção de categorias como gênero com outras categorias explicativas das relações sociais. Logo, reconhece-se a diferença e a diversidade entre as mulheres, combinando diferentes elementos, tais como classe, raça, gênero ou sexualidade, entre outros (BRANCO, 2008).

A área de análise tem uma escala ampla, sendo guiada mais pelas categorias e conceitos do que “espacialidades fixas”. Especificamente países onde as indústrias têxteis atendem as demandas do *Fast Fashion* trazem demandas atreladas às mulheres ou das agendas feministas nacional/global.

O ponto de partida foi a revisão bibliográfica sobre o tema proposto, *Fast Fashion* e *Slow Fashion* criando um referencial teórico, destacamos o panorama que toca as indústrias têxteis e os impactos sobre as mulheres. Após esse referencial, dividimos a pesquisa em mais duas etapas. A primeira será com o mapeamento dos ciclos tanto do *fast fashion* quanto do *slow Fashion*, tabulando o marco de surgimento, agendas e pautas. Fizemos, inclusive, uma entrevista com representantes de movimento que contestam a lógica da moda e se colocam na linha de frente do *Slow Fashion* no Brasil.

Em seguida, fez-se uma análise da bibliografia existente, como discussão preliminar da literatura e das principais correntes e teorias que abordam as temáticas trabalhadas com as informações coletadas, entendendo se há um diálogo entre o escrito e o exposto.

O trabalho está dividido em três seções principais que se subdividem em tópicos a fim de segmentar a compreensão das questões que se trazem para dentro das análises. A primeira seção trata das chaves conceituais acerca do debate onde traremos os conceitos de *Fast Fashion* e *Slow Fashion* em primeiro momento, em seguida foi necessário compreender também o conceito de cadeia produtiva da moda e por não ter uma segurança conceitual científica, trouxe os conceitos e definições de gênero como categoria útil de análise a partir de Joan Scott e para complementar as premissas do livro “O lado invisível da economia” de Katherine Marçal.

A segunda seção tratará do que despertou para abordar essa temática. Friso que foi a partir depois de assistir o Documentário “*The True Cost*” é que tive a ideia acerca do que debater no trabalho de conclusão de curso. Foi com o documentário que também compreendi a importância das reivindicações em rede, bem como do verdadeiro custo da roupa barata e a

sempre à disposição. Nessa sessão sistematizamos o ciclo da roupa no *fast fashion* e, principalmente, o descarte e se uma preocupação ampla com a problemática ambiental internacional.

Por fim, abordaremos *Slow Fashion* como movimento que contrapõe a lógica de consumo voraz imposta pelo *Fast Fashion* e como consequência a visibilidade sobre o combate ao trabalho análogo à escravidão. Frisamos aqui que traremos algumas perspectivas, tendo em vista que o trabalho análogo não foi o ponto de partida deste trabalho. Em verdade queremos averiguar se há um ponto de crítica aberta sobre as referências (lojas e marcas) da *fast fashion* internacional. E qual tem sido o papel da indústria têxtil nesse cenário, inclusive elencando alguns pontos no caso brasileiro.

## 2 CHAVES CONCEITUAIS DO DEBATE

### 2.1 Os Conceitos de *Fast Fashion* e *Slow Fashion*

Iniciamos essa seção de análise trazendo os conceitos-chaves deste trabalho. Tais conceitos são relativamente novos no âmbito da análise internacional, ainda que a escala de impacto seja, em maior ou menor grau, antiga. Consideramos que as chaves conceituais estão centradas no entendimento das designações de *Fast Fashion* e *Slow Fashion*, todavia para compreender melhor as escalas de impactos (negativos) dessas designações, recorreremos aos conceitos de trabalho análogo à escravidão, por entendermos que este conceito é a base que sustenta as chaves conceituais supracitadas.

Trataremos também de conceitos pontuais neste trabalho como o de cadeia produtiva que é uma espécie de guarda-chuva das justificativas do *Fast Fashion* e o conceito de Gênero nas relações sociais, sobretudo porque são essas relações que fazem do gênero feminino e mais especificamente das mulheres (em sua grande maioria, pobres, pretas, periféricas e migrantes) as principais forças de trabalho precarizada, ou extremamente, precarizadas na Divisão Sexual do Trabalho.

Seguindo a rota proposta, iniciaremos com as chaves de *Fast Fashion* e *Slow Fashion*. Uma das definições mais correlatas de *Fast Fashion* diz sobre:

A produção rápida e em grande escala das roupas. Uma coleção de moda é lançada e substituída semanalmente. Além disso, o consumo e descarte também são rápidos. Essas roupas possuem preços acessíveis e garantem que a tendência de moda do momento chegue mais rápido e atinja um grande número de pessoas (GALLINDO, 2021 s/p).

Para Daniela Delgado (2008, p. 03), “o conceito de *fast fashion* se torna cada vez mais importante para o varejo de moda mundial que visa atender aos indivíduos da atualidade, cada vez mais ávidos pelo consumo e mais informados em termos de moda”. Isto é, estratégia de vendas que dinamiza e potencializa o crescimento do faturamento de uma empresa e alavanca as possibilidades de entrada no mercado global.

O *Fast Fashion* remete a uma moda rápida, mas não se restringe a moda como aparato de tendências, ou como nos informa o dicionário, uma indumentária humana estética pensada por figurinistas e que influencia todo um conjunto de opiniões, gostos, assim como modos de agir, viver e sentir coletivos. O termo está muito mais ligado ao hiperconsumo da atualidade, ou uma criação acelerada de novos produtos.

Outro ponto que demanda atenção especial é a exibição das mercadorias no ponto de venda, a loja é reorganizada periodicamente para que os consumidores notem diferenças e se sintam estimulados em visitar constantemente a loja. [...] O conceito

de *fast fashion* nasce no final dos anos de 1990 de uma expressão utilizada pela mídia para identificar a alteração cada vez mais veloz da moda que algumas empresas acabaram aderindo como a Zara e a H & M. (DELGADO, 2008, p. 6-7).

Nas definições de Erner (2005), a chave de definição está centrada no chamado circuito curto ou *Quick Response System* (Sistema de Resposta Rápida) nascida no Sentier, um bairro famoso de Paris (Figura 1), com pequenos comerciantes do setor têxtil que começaram sua produção tardiamente após a certeza de algumas tendências para não errar e perder vendas e após não dispor de espaços exclusivos para vendas, ocupados por outros produtos e outras técnicas de vendas “mais atrativas”.

Apesar de sua origem remete ao *Sentier*, Delgado (2008) expande a ideia acerca do *Fast Fashion* afirmando que este é um sistema, ou mais precisamente é uma a resposta da indústria globalizada à aceleração da demanda que se materializa com os estímulos ao consumo, trabalhando com quantidade limitada de mercadoria visando dois objetivos: primeiro, reduzir as perdas prevendo vendas não satisfatórias e; segundo, criar impressões de produtos semi-exclusivos a um nicho de consumo de produtos personalizados.

Dessa maneira, o conceito de *Fast Fashion* que orienta as análises deste trabalho estão em concordâncias com as perspectivas de Niinimäki et. al. (2020), de que é um sistema que depende de fabricação barata, consumo frequente e uso de roupas por curta duração. Esse sistema é gerador de impactos ambientais em pontos críticos da cadeia de valor têxtil e da moda, da produção ao consumo. Além disso, os impactos da indústria da moda incluem mais de 92 milhões de toneladas de resíduos produzidos por ano e 79 trilhões de litros de água consumidos.

Em contraposição a esse sistema, surgem os movimentos intitulados *Slow Fashion*. Logo, o *Slow Fashion* é, antes de tudo, um movimento que busca instigar o pensamento crítico sobre o consumo no espaço da moda e parte da necessidade de encorajar a sociedade a pensar o que é um consumo consciente (ARANTES, 2020). O movimento é:

valorização da cadeia de produção, respeito ao meio ambiente e à cultura local. Isso significa dar mais atenção às pessoas que criam as roupas, além do maior cuidado com os impactos gerados na natureza (ARANTES, 2020, p.6).

Além dos impactos ambientais e socioambientais, Niinimäki et. al. (2020) destacam a importância do *Slow Fashion* como um movimento para se refletir a necessidade de mudanças fundamentais no modelo de negócios da moda. Para esses autores, essas mudanças enfatizam a necessidade de uma transição urgente de volta à moda 'slow' (lenta), de modo a melhorar a sustentabilidade de longo prazo. Veja o esquema na Figura 1:





empresas a desenvolverem produtos diferenciados e altamente competitivos e tudo isso auxiliam na funcionalidade e produtividade e “produtivismo” do *Fast Fashion* sem que haja uma avaliação dos impactos, uma vez que respondem bem aos já citados objetivos do consumo.

### 2.3 Gênero como categoria útil de análise e “o lado invisível da Economia”

Esse item é intitulado a partir de um importante artigo da historiadora Joan Wallach Scott em alusão à como todas as relações sociais são balizadas pelas dimensões atreladas às diferenças de gênero. Colocamos essa menção de forma a compreender que nestas análises a categoria gênero é demasiadamente útil, tendo em vista que a sujeição da precariedade imposta pela indústria da moda incide mais sobre as mulheres.

Recebe também no título a menção de uma importante obra acerca do trabalho precarizado e invisível de mulheres. O livro “O lado invisível da Economia – Uma visão Feminista é de autoria da jornalista sueca Katrine Marçal é considerado um *Freaknomics* Feminista (estranho, ou um não bem-vindo) livro feminista, onde questiona o modelo masculino do pensamento econômico (MARÇAL, 2017).

Ainda de acordo a autora, as bases teóricas da economia ignoram a mulher (ou as mulheres). Na contemporaneidade, essa mesma lógica continua excluindo-as, não somente do mundo trabalho, mas de condições dignas e igualitárias, além de impor sobre a mulher jornadas duplas (e até quádruplas) sendo as principais gerir carreira e família, ademais, a imposição de gênero como norma que divide os papéis sociais e também o mundo do trabalho.

Para Scott (1990), as feministas começaram a utilizar a palavra "gênero" num sentido mais literal, como uma maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos. Isto é, uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como "sexo" ou "diferença sexual". Ainda para esta autora:

O termo "gênero" enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. Aquelas que estavam preocupadas pelo fato de que a produção de estudos sobre mulheres se centrava nas mulheres de maneira demasiado estreita e separada utilizaram o termo "gênero" para introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário analítico. Segundo esta visão, as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e não se poderia compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado (SCOTT, 1990, p. 72).

Gênero é, portanto, nas concepções de Joan Scott uma percepção sobre as diferenças sexuais, hierarquizando essas diferenças dentro de uma maneira de pensar engessada e dual. Scott não nega que existem diferenças entre os corpos sexuados. O que interessa a ela são as formas como se constroem significados culturais para essas diferenças, dando sentido para essas e, conseqüentemente, posicionando-as dentro de relações hierárquicas (GELEDÉS, 2013).

Ainda em relação a utilidade analítica de gênero, a síntese produzida por GELEDÉS (2013) ajuda a compreender que há nela a possibilidade de aprofundamento em relação aos sentidos construídos sobre os gêneros masculino e feminino, transformando “homens” e “mulheres” e questionando suas definições e redefinições, além dos papéis atribuídos socialmente e à tutela de um gênero sobre o outro.

Na mesma época das teorizações de Scott, Heleieth Saffioti também já organizava ideias sobre o entendimento sobre gênero. Para esta autora, “é preciso aprender a ser mulher, uma vez que o feminino não é dado pela biologia, ou mais simplesmente pela anatomia, e sim construído pela sociedade”, logo é importante frisar que quando se refere a perspectiva de gênero, as análises se debruçam sobre o objeto mulheres (SAFFIOTI, 1999). Da invisibilidade das mulheres enquanto gênero.

Voltando as contribuições do livro “O lado invisível da economia”, em um contexto amplo, mas não geral, o livro fala sobre como, ao longo da história, o trabalho interno, dito feminino foi invisibilizado, enquanto que o denominado masculino, o externo, foi tratado como único e digno de atenção e de remuneração adequada.

Assim sendo as mulheres (brancas e a partir de uma classe denominada média) começaram a fazer parte tardiamente do mercado de trabalho e foi esse atraso somado à crença coletiva, de que os serviços domésticos ainda pertenciam somente a elas, que fomentou a ideia de que o serviço doméstico não merecia atenção e nem poderia ser passível de calcular, logo não fazia parte da economia (MARÇAL, 2017).

O livro traz uma crítica densa e assertiva e seus capítulos diluem a temática sem esgotá-la totalmente. Dos capítulos mais significativos para as análises desse trabalho, fez-se o esforço de síntese dos capítulos 3 (três) (analisa que o sujeito da economia capitalista não é uma mulher); 5 (cinco) (uma referência a adição das mulheres ao mercado sem mexer nas estruturas de trabalho e relação domésticas); e o capítulo 15 (quinze) (afirmação de que a história contada de nosso tempo só tem um sexo e ele é masculino).

**Quadro 1 – Sobre sínteses e comentários do Livro “O lado invisível da Economia”**

<b>Capítulo Referenciado</b>	<b>Síntese</b>	<b>Comentários</b>
Capítulo 3 – Em que fica evidente	Inicia questionando porque o trabalho feminino não é mensurado	
	e como,	

<p>que o homem econômico não é uma mulher</p>	<p>socialmente os homens tiveram e ainda tem permissão para agir por interesses próprios ao passo que as mulheres são orientadas a se abster a todo momento de suas vontades e necessidades para assim cooperar com o todo, começando pela família. Altruísmo, sensibilidade, gentileza são atributos idealizados ou consentidos como femininos. Os salários das mulheres são sempre mais baixos, não porque elas trabalham mal, mas sim porque há uma crença de que não faz sentido em fazer esforço para que estudem e sejam introduzidas no mercado de trabalho se logo em alguns anos, elas irão “parir”, afastando do trabalho e “prejudicando” o mercado. A imagem do indivíduo econômico é sempre um indivíduo assexual, porém esse indivíduo possui características que historicamente são atribuídas aos homens: objetivo e competitivo.</p>	<p><b>Comentário 1:</b> Um exemplo é como a ganância é vista de modo distinto vindo de homens e mulheres. Inclusive é tida como instintiva para homens e desvio de conduta pessoal para as mulheres.</p> <p><b>Comentário 2:</b> Se a economia é a ciência do interesse pessoal, como a mulher se encaixa nela? Um detalhe curioso é que a palavra economia, no original significa casa, lar, domicílio. Portanto, economia é a arte de bem administrar a casa. Porém hoje, é a ciência que trata da produção, distribuição e consumo de bens e mercadorias. Atividades como lavar louça, soar nariz de criança, tirar o pó dos móveis, lavar louça e similares não são bens palpáveis que seja possível comprar ou vender, logo não são financeiramente úteis.</p> <p>O ponto aqui não são as diferenças biológicas e sim quais as conclusões se tiram delas.</p>
<p>Capítulo 5 – Em que adicionamos as mulheres e mexemos</p>	<p>A autora pondera que a situação da mão de obra feminina ao redor do mundo é bem delicada. Um dos vários moldes que é possível perceber envolve mulheres que saem de seus países de origem, como Vietnã, Tailândia e Filipinas e vão trabalhar em países europeus, ganhando até mais que profissionais “de alto escalão” de seus próprios países. A migração compulsória tem sido uma força propulsora da economia capitalista e da economia que subjuga mulheres, sobretudo aquelas em situações de vulnerabilidades diversas.</p> <p>É nesse cenário que mulheres sentem compelidas a trabalhar o dobro para provar que merecem estar naquele lugar e não em casa, fazendo a lista de compras. É aqui também que é exigido da mulher o pesado equilíbrio entre carreira e casa. Aparentemente só as mulheres são responsáveis por esse equilíbrio, que fica difícil de manter já que em alguns países a média de horas semanais de trabalho é maior para as mulheres. Adicionaram as mulheres a esse enorme bolo que é economia global, mas depois de adicioná-las percebemos que isso por si só não foi suficiente.</p>	<p><b>Comentário 1:</b> Para a autora existem pontos razoáveis sobre a atual economia. Os positivos são que as mulheres começaram a ter mais vozes, financeiramente estão galgando remunerações melhores que em seu local de origem. Isso implica estabelecer ou proporcionar um bem-estar familiar. Os negativos são que não há garantias de direitos trabalhistas, além de perpetuar as desigualdades entre mulheres. Um exemplo, a empregada doméstica do sudeste asiático só é necessária porque está num cenário de vulnerabilidade internacional e isso faz com que ela receba menos que sua patroa, que geralmente são mulheres brancas de países como EUA.</p> <p><b>Comentário 2:</b> Se quisermos um retrato interessante da economia, é preciso não ignorar o que metade da população mundial faz durante metade do tempo. Existem esforços que vão desde saber o valor do quilo do feijão, até compreender como é plantado, colhido, transportado e finalmente quando chega na nossa mesa, mas não há nenhum esforço para saber quanto vale o trabalho doméstico. Isso porque o trabalho das mulheres é tido como um recurso natural que não se precisa contabilizar. Se o trabalho em casa não traz reconhecimento, logo procuramos o trabalho num cenário externo ainda que mais precarizado.</p>

Capítulo 15 – Em que vemos que que a maior história de	O binarismo é o que conta a história, sobretudo no Ocidente. A pergunta realizada entre pessoas, revela mais	<b>Comentário 1:</b> Homens e mulheres ao redor do mundo não possuem os mesmos acessos a
nosso tempo só tem um sexo	dualismos: “você se sente egoísta só porque quer mais dinheiro?” Tal questão apresenta que o Ocidente traz dicotomias entre razão e emoção; objetivo e subjetivo. Essas dicotomias estão quase sempre associadas ao masculino e ao feminino respectivamente, nunca os dois. Logo, num cenário econômico, as características que se usam para classificar um sujeito econômico são sempre masculinas, pois como citado acima, não é possível ter ambos atributos. De acordo com Marçal, as atuais teorias econômicas afirmam que os resultados econômicos são neutros, pois se baseiam apenas em números.	itens básicos como saúde, educação, conhecimento sobre seus direitos e sequer a espaços considerados de poder como mercados financeiros, parlamentos ou congressos. As posições estruturais de homens e mulheres na economia significam que políticas econômicas causam impacto sobre eles de modos diferentes.  <b>Comentário 2:</b> Os economistas afirmam que o sexo não tem importância, entretanto, de acordo com Marçal, o sexo faz com que as pessoas tenham e vivam estruturas diferentes dentro de uma sociedade, seja em relação a reprodução, produção e/ou consumo.

Fonte: O lado invisível da economia. Katrine Marçal. 2017.

Se faz necessário abordar o tema economia para falar da mão de obra análoga a escravidão na indústria têxtil, pois estamos num sistema capitalista que induz ao consumo descomedido de roupas e que leva a crer que satisfação é consumir. Essa mesma indústria explora a vulnerabilidade socioeconômica de indivíduos, em sua maioria mulheres em países em desenvolvimento como Camboja e Bangladesh, para assim continuar existindo e lucrando. A escolha da localização dessas fábricas em países em desenvolvimento, especialmente o Sudeste Asiático não é ao acaso. Existe uma certa facilidade para se colocarem nesses países. Naquela região as leis trabalhistas ou não existem ou são escassas ao ponto de minar os direitos das trabalhadoras, até mesmo lhes impedindo de se organizarem em sindicatos para assim buscarem uma qualidade trabalhista aceitável.

Num cenário que envolve trabalho e lucro, a economia também está envolvida. Toda e qualquer economia tem sua base e na indústria têxtil a base é (1) a produção para consumo veloz e (2) mão de obra para a produção. Dentro desta conjuntura, a base é constituída por mulheres não brancas. Para além de ter o mesmo sexo em comum, elas possuem outras características como, vulnerabilidade econômica, não possuem um grau de escolaridade básico, tem pouco ou nenhum acesso a conhecimento de leis trabalhistas, não tem quem as representem no cenário político em seus respectivos países, para além de trabalharem excessiva e exaustivamente ainda possuem demandas de trabalho domésticos.

Toda essa rede se sustenta em cima da pobreza e as forçam a ficar nesse ciclo de trabalho. Vendo essa situação com um olhar ocidental parece simples e fácil resolver o problema, entretanto essa vulnerabilidade que, em partes, não experimentamos nesse lado do

globo, é fomentada em parte pelo consumo. Essas trabalhadoras estão cativas nesse contexto pura e simplesmente pela pobreza. Pobreza que é validada pelo Estado, quando permite que seus cidadãos vivam sem uma lei interna que os respalde.

### 3 DO DOCUMENTÁRIO “*THE TRUE COST*” ÀS REIVINDICAÇÕES EMREDE

#### 3.1 O Documentário “*The True Cost*” (O verdadeiro Custo)

Esta seção tem o objetivo de discutir o ciclo da roupa no âmbito da moda rápida e os impactos dessa rapidez que se materializa no descarte de roupas sem o compromisso de se pensar a reutilização, o reuso e até mesmo a reciclagem como possibilidades de minimizar os problemas gerados. Dentre esses impactos, estão os ambientais ou socioambientais, bem como as localizações espaciais desses impactos ambientais, quase sempre destinadas às periferias do mundo global atual.

Dessa maneira, o ponto de partida é o Documentário “*The True Cost*” na tradução livre “O verdadeiro Custo” que revela alguns pontos importantes sobre a indústria da moda, não apenas no seu papel de influenciar a partir das customizações estéticas e, portanto, forjar a moda no formato de roupas e acessórios, em fases muito curtas denominadas “estações”, “tendências” ou “categorias” que são estilos sazonais marcados pelas estações do ano (outono, inverno, primavera e verão).

*The True Cost* é um documentário francês dirigido por Andrew Morgan, sua construção é oriunda de cenas gravadas em diversas partes do mundo, mas se concentra nos espaços onde os ciclos de produção, difusão e descarte das roupas são realizados. A produção aborda alguns aspectos e impactos da indústria da moda na atualidade, principalmente a *fast fashion*.

A sinopse do documentário apresenta alguns dos objetivos da produção que não são evidenciados na estrutura de uma cadeia produtiva da moda e quem tem a finalidade de baratear custos de produção, terceirizar a força de trabalho para se eximir das exigências dos direitos trabalhistas e satisfazer os anseios de compras induzidas pelo consumismo. Mais especificamente a sinopse se define assim:

The true cost é um documentário sobre as roupas que usamos, as pessoas que as fazem e o impacto que a indústria está causando em nosso mundo. O preço das roupas vem diminuindo há décadas, enquanto os custos humanos e ambientais têm crescido dramaticamente. The True Cost é um documentário inovador que abre as cortinas da história não contada e nos pede para considerar, quem realmente paga o preço por nossas roupas? Filmado em países de todo o mundo, das passarelas mais iluminadas às favelas mais escuras, e apresentando entrevistas com os principais influenciadores do mundo, incluindo Stella McCartney, Livia Firth e Vandana Shiva, The True Cost é um projeto inédito que nos convida a uma jornada reveladora ao redor do mundo e na vida de muitas pessoas e lugares por trás de nossas roupas. (THE TRUE COST, 2015)

Como espectadoras do documentário (orientanda e orientadora), alguns pontos foram decisivos para as análises acerca do tema. O documentário como um todo tem um impacto imagético importante, mas são alguns trechos que tendem a levar a uma reflexão mais profunda, destacamos aqui, alguns

trechos (partes) bem pontuais para exemplificar as impressões acerca do documentário.

As imagens em si são distópicas se encaradas de forma separada da realização do debate, entretanto a ideia não é debater o documentário em si, mas as possibilidades de análises que ele oferece ou pode oferecer a depender das abordagens e críticas. Frisa-se que optamos por não marcar ou localizar o tempo desses marcadores de análises a fim de preservar a finalidade do documentário que é sua visualização na íntegra. A saber:

*i. A precarização do trabalho em detrimento do consumo:* “No ocidente dizem: “preço baixos todos os dias. Então todos os dias eu sou pressionado pelas grandes marcas e todos os dias eu preciso pressionar as trabalhadoras. É assim que funciona”. A fala de Arif Jebtik, dono de uma das dezenas fábricas de roupas em Bangladesh diz muito sobre como as demandas do FF são mais urgentes do que qualquer outra coisa;

*ii. A dualidade da natureza das peças têxteis:* Uma vez que um vestido, por exemplo, é confeccionado sob uma situação degradante e quando chega às lojas ou às passarelas é tido como excepcional e deslumbrante. Essa leitura do que é bonito ou não, vem de uma ausência de conhecimento sobre a origem por boa parte da população mundial. Questiono como orientanda se essa percepção se preservaria caso a origem da peça fosse revelada. A orientação deste trabalho ponderou que isso se deve mais a alienação espacial<sup>3</sup> do que uma não ausência de conhecimento sobre;

*iii. As condições de trabalho dos *Sweatshops* (ou o trabalho análogo a escravidão):* Numa tradução livre significa lojas de suor. São fábricas ou oficinas, onde as trabalhadoras braçais são empregados com salários muito baixos por longas horas e em condições precárias do ponto de vista ocidental, onde empregam-se até mesmo crianças. Nesses espaços há nítida violação da legislação laboral. Os baixos salários, condições inseguras e desastres em fábricas são usados para justificar a necessidade de gerar empregos para pessoas que possuem um leque de opções de trabalho calamitosa.

Ainda sobre essas questões supracitadas e no ínterim das questões levantadas no documentário, antes mesmo de tratar do ciclo da roupa que será explanado a seguir, as imagens acerca das precariedades e precarizações são extremamente desgastantes, no sentido de as imagens traçarem por si mesmas um panorama analítico alarmante, como é possível deduzir no mosaico da Figura abaixo.

**Figura 3** – Imagens do documentário “*The True Cost*”



Fonte: Etiqueta Única/Org.: A autora. 2015.

As imagens organizadas na Figura 4 buscam dar uma dimensão do debate. Da direita para esquerda temos a capa do post sobre o documentário *The True Cost*; Condições de trabalho precárias e jornadas de trabalho extenuantes para diminuir os custos de produção; Modo de produção do algodão foi alterada com a “revolução” causada pelas *fast fashions*; aumento do consumo também cresceu a produção de lixo e os impactos ambientais causados pela indústria

têxtil; Desabamento de fábrica têxtil em Dhaka (capital de Bangladesh) mata mais de 400 trabalhadores; e bairro de trabalhadoras/es de fábrica têxtil em Dhaka.

### 3.2 O Ciclo da roupa no *Fast Fashion*

Se olharmos para os aterros, podemos observar uma grande quantidade de resíduos<sup>2</sup>têxteis como consequência do *Fast Fashion*. Roupas e demais itens produzidos pela indústria da moda se tornaram descartáveis e o rápido consumo potencializou esse fator. Se os países em desenvolvimento são os que mais sofrem no início desse ciclo, com a produção massiva, são eles também os que mais sofrem com o fim do ciclo. Dentro desse cenário eles também perdem. De acordo com o documentário, em média o norte americano médio descarta anualmente 37 quilos de produto têxtil. Soma-se a isso as 11 toneladas de resíduos apenas nos Estados Unidos. A maior parte desses resíduos não são biodegradáveis. O que significa que permanecem no aterro por 200 anos ou mais, jogando no ar gases nocivos. Para melhor compreensão, analise a imagem abaixo:

1. **Matéria Prima.** O início se dá através da matéria prima, uma delas é o algodão. Para se cultivar essa matéria prima em larga escala e de forma barata grandes empresas preferem se fixar em países onde seu capital vale mais, exemplo disso é a Índia. Lá, os agricultores são levados a obter tudo de grandes corporações, acreditando na ideia de que para usar de melhor forma suas terras, o melhor a se fazer é ter todo o aparato fornecido por eles. O que a longo prazo torna esses agricultores cativos dessas firmas. A produção de matéria prima também é feita em países considerados desenvolvidos como os EUA, porém de uma maneira mais “sofisticada”. Em território estadunidense há regras sobre mão de obra, que nesse contexto é respeitado. Há também leis que impedem o uso excessivo de pesticidas que também, nesse caso, é estimado.
2. **Mão de obra.** Depois de ter o básico, grandes empresas seguem o flow, ainda em países em desenvolvimento, com a mão de obra. Países como Vietnã, Indonésia e Bangladesh são os principais mercados quando falamos de mão de obra são mais baratas. Aqui jornadas de até 10 horas são extremamente comuns, salários mensais de aproximadamente US\$ 10 dólares, trabalho infantil, ausências de direitos trabalhistas e mais.
3. **Compra.** Depois de serem produzidos em grandes fábricas precárias. As enormes quantidades de roupas chegam para finalmente serem compradas. Dentro dessa etapa os

---

<sup>2</sup> Para Gonçalves (2019), a alienação espacial é condicionada à temporalidade do vivido, posta pelo estranhamento condicionada ou realizada quando o objeto-mercadoria tem maior valor que o espaço que cede sua produção. São relações traçadas por situacionistas e nessa alienação (espacial), a sociedade que separa pela raiz o sujeito e a atividade que ela lhe subtrai, o separa primeiro de seu próprio tempo.

produtos estão em países desenvolvidos, onde há sedes de enormes varejistas como Tiffany, H & M, Zara e mais. Dentro desse ciclo acontece uma ação bem importante de propaganda que incentiva massivamente a compra de novas peças. Esse investimento em propaganda se tornou especialidade do *Fast Fashion* pois essa é a forma com o qual esse movimento se retroalimenta, baseando se em mensagens que afirmam que é urgente comprar, urgente ter e o ter é o que falta na vida de um indivíduo para que ele se sinta e seja mais bem-sucedido.

4. **Descarte.** Se uma compra em massa acontece, o descarte em massa também. Esse ponto do ciclo é diretamente alimentado pelo anterior, onde a propaganda ainda faz muito efeito e para ter mais acesso a novas peças, o consumidor se vê na necessidade de descartar um item que comprou a menos de 6 meses. É importante frisar que quase nunca essa peça encontra local adequado, depois de descarte vêm os pós usos.
5. **Pós uso.** Uma forma muito comum de se desfazer de peças de roupas e/ou acessórios é doando para outras pessoas ou para entidades que atendem pessoas em situações de vulnerabilidade. Porém, segundo o documentário, menos de 20% dessas doações de fato ficam em entidades que fazem uso adequado em seus respectivos países, e mais uma vez os países em desenvolvimento são o alvo. Esse é o destino de quase todo o produto têxtil descartado. São enviados para países como Congo e às vezes voltam para países onde foram fabricados como Bangladesh. Nesses países o mercado de produtor local acaba morrendo e conseqüentemente enfraquecendo a economia têxtil interna, visto que fica impossível oferecer seu trabalho enquanto há mercadorias a preço muito mais baixo e às vezes até de graça.
6. **Resíduos.** Dentro deste ponto do ciclo ainda estamos em países com pouca expressão no mercado econômico internacional. As peças que chegaram, serão revendidas, caso não haja grandes deterioração. As peças que não são revendidas acabam em lixões a céu aberto como é o exemplo do deserto do Atacama no Chile e em regiões marítimas de Gana, o que acaba facilitando que esses materiais sejam levados para o mar pelas ondas. Sendo a céu aberto ou em regiões litorâneas, esse descarte errôneo prejudica a natureza, seja no extenso tempo de decomposição, seja sendo levado para o mar e atingindo a vida marinha.

A doação de roupas é um meio muito utilizado, porém apenas porque uma peça de roupa foi doada não significa que ela vai ser de fato reutilizada. Um exemplo disso é o Pepe. Pepe é o acúmulo de roupas de segunda mão comumente usadas por sua população, geralmente países de 'terceiro mundo', como Congo e Haiti, oriundas principalmente dos Estados Unidos e China. São roupas que as instituições de caridades recebem, em uma grande

quantidade e não podem vendê-las para lojas de produtos usados, assim são embalados e enviados para esses países. Um dado importante é que apenas 10% das roupas que doamos estão em brechós, e quando descartamos as roupas mais e mais rápido, também são descartadas em território de países de desenvolvimento.

Numa tentativa de frear a entrada de roupas usadas em alguns países do continente a Comunidade da África Oriental (CAO), apresentou uma proposta de lei para banir a importação de roupas usadas a partir de 2019, o que ainda está em discussão porque, afinal de contas, a atual realidade é consequência de decisões políticas e comerciais. Além disso, é necessário frisar que o impacto social e cultural é grande. A falta de valorização interna, ameaça técnicas tradicionais de artesanato que contribuem para a identidade cultural local e o desenvolvimento da comunidade (POERNER, 2020).

**Figura 4** – Espaços de vendas de roupas na África Ocidental



**Fonte:** DW Made for Minds, 2018.

Para falar também sobre esse cenário, apresentaremos abordagens de alguns autores que direta e indiretamente falam sobre o *fast fashion* e o excesso de consumo na atualidade. O primeiro autor é Gilles Lipovetsky (1989), Safia Minney (2017) e Cristiane Mesquita (2006).

### **3.3 O Descarte e a problemática ambiental internacional**

Se fabricamos muito, a tendência é consumir muito, logo o descarte também será igualmente volumoso. Porém, onde descartar tantas peças se não há descarte adequado em boa parte do mundo? Uma problemática deste tópico é como descartamos todas as roupas usadas e as não usadas. Uma manobra muito comum de alguns países hegemônicos é o envio de vários navios repletos de containers cheios de roupas para descarte enviados a nações que se dispõe a

recebê-los. O caso mais recente está sendo o caso do deserto do Atacama no Chile.

De acordo com diversos noticiários internacionais, desde 2021 o deserto está sendo usado como depósito de resíduos têxtil e tem se tornado epicentro do debate sobre como a natureza também está sendo atingida pelo consumo rápido, como é possível identificar nas imagens a seguir.

**Figura 5** – Notícia sobre o Deserto do Atacama pela BBC News



**Fonte:** Banco de Google Notícias/Org.: A autora.2022.

A manchete acima é o retrato da recente preocupação da sociedade com o descarte irregular de peças têxteis. Perguntas como essas começaram a tomar força nos últimos 4, 5 anos. As pautas envolvidas não são apenas o acúmulo de roupa, são também como o descarte acontece e qual o efeito disso no meio ambiente. Ocorre que é necessário expandir o campo de conhecimento e entender que a seqüela no meio ambiente vai mais além de saber que há roupas acumuladas num lixão ou em qualquer outro lugar a céu aberto. Os locais onde os tecidos são fabricados e/ou tingidos sofrem fortemente com químicos, transformando a fauna e a flora em cenários disformes, como é o caso da região norte na Índia.

O descarte irregular ocupa um espaço inapropriado, a decomposição acontece de maneira mais lenta e muitas vezes os produtos químicos impedem a decomposição. Há maneiras de descartar corretamente, porém são iniciativas pouquíssimas conhecidas pelo público ao passo que não estão presentes em todo o país, mantendo assim, no breu, uma parte notável do processo de reciclagem. Um ponto significativo é que esse descarte não permanece em seus países de origem, geralmente são enviados para países em desenvolvimento, como é o caso do Chile.

## 4 SLOW FASHION E O COMBATE AO TRABALHO ANÁLOGO À ESCRAVIDÃO: ALGUMAS PERSPECTIVAS

### 4.1 Ponto de Crítica aberta: as referências da *Fast Fashion* Internacional

O *Slow Fashion* é, antes de tudo, um movimento que busca instigar o pensamento crítico que por ele se interessa. O movimento parte da necessidade de encorajar a sociedade a pensar o que é um consumo consciente. Esse questionamento se faz necessário tendo em vista o acelerado consumo através do *Fast Fashion*. O SF também traz a necessidade de entender como funciona toda a cadeia de produção de uma peça até ela chegar no consumidor final.

Se analisarmos o ciclo da roupa dentro do *Slow Fashion*, o ciclo permanece quase que o mesmo, o que muda são alguns pontos dentro do desfecho do ciclo. Vamos revisitar a linha de produção mais uma vez, agora tendo como parâmetro o SF. Novamente, para melhor compreensão, organizou-se uma imagem (Figura 12) sobre o ciclo da proposta do movimento. Essa também é uma interpretação mediante as leituras aferidas e em seguida faremos a explicação de cada etapa de forma numerada sobre o processo ao qual se debruça o *Slow Fashion*:

**Figura 6:** Ciclo de reuso e reciclagem propostos pelo *Slow Fashion*



Fonte: Documentário *The True Cost*  
Produção: Naelene P. Costa

Fonte: *The true Cost*. 2015.

- 1. Matéria Prima.** Dentro do ciclo do Slow Fashion, a matéria prima passa por um critério com o objetivo de saber se há algum tipo de pesticida em grande quantidade que possa impactar negativamente o resultado do seu trabalho, como por exemplo no algodão. Não é apenas para saber se a matéria prima está carregada de malefícios, é para saber se a terra onde a matéria prima foi produzida está sendo respeitada. Se uma matéria prima vem com uma grande concentração de agrotóxico, isso significa que provavelmente o solo daquele lugar pode estar sendo contaminado e isso conseqüentemente significa que a biosfera daquele lugar está em desequilíbrio por causa da produção de matéria prima.
- 2. Mão de obra.** Neste ponto temos uma sinergia entre demanda e mão de obra. Não se produz em larga escala, o que deixa uma peça sendo ainda mais exclusiva, se usa os materiais naturais da estação e também há a valorização e o pagamento justo pela mão de obra das trabalhadoras envolvidas. Além de pensar no design, a durabilidade da peça é um dos fatores mais pensados. Aqui também há o alinhamento entre fábrica e leis trabalhistas, para que não haja nenhuma violação de qualquer natureza para com os operários, o que na contramão do Fast Fashion é uma raridade.
- 3. Compra.** As peças em questão chegam às lojas com um valor um pouco mais alto que o convencional produzido pelo Fast Fashion, pois é árduo valorizar toda uma cadeia de produção e não aumentar o custo para o consumidor final. Além disso, as roupas produzidas pelo Slow Fashion geralmente não são vendidas em grandes lojas de departamentos como estamos acostumados a encontrar. Normalmente são lojas especializadas nesse setor que as fazem circular, fora essas lojas, é bem comum encontrar a força desse movimento em brechós, que já são naturalmente lugares que movimentam e engajam o Slow Fashion por manter em circulação peças que antes iriam ser descartadas.
- 4. Descarte.** É importante dizer que dentro do SF não existe o incentivo exacerbado à compra sob o pretexto de “ser da estação” ou “ está na moda”. Logo não há uma compra em grande demanda de seus adeptos, a não ser por necessidade. Dessa maneira, o descarte acaba sendo uma troca baseada em “ tiro uma peça do meu guarda roupa para pôr outra”. Aqui quando o descarte acontece, é feito numa escala menor e as peças podem tomar três caminhos:
- 5. Reuso.** (1) Podem ser doadas para pessoas do círculo social. (2) podem ir para a

reciclagem caso as peças não estejam em bom estado, habitualmente as lojas que vendem, também recolhem peças para reciclagem, (3) São vendidas para brechós, que fazem curadoria, cada um a seu modo e revendem.

- 6. Reciclagem.** Num cenário global, a reciclagem de roupas não consegue acompanhar a demanda de descarte. Desta maneira o que o *slow fashion* faz é usar seus pontos de produção e venda para serem também ponto de reciclagem. Em alguns casos são pontos de reestruturação dos descartáveis e de nova produção, sendo enviados novamente para o mercado após passar mais de uma vez pelo ciclo. Gesto esse que ajuda diretamente a natureza de diversas formas. Os rios próximo a uma oficina de roupas do SF raramente serão contaminados, o que consequentemente manterá a fauna e a flora saudáveis. Um outro ponto de vista é como essa mesma fábrica vai impactar na vida da comunidade em volta. Dentro do *Fast Fashion*, por causa dos altos níveis de produtos químicos, a saúde dos moradores fica comprometida, o que dentro do *Slow Fashion* não sucede. No que se refere a prevenção de descarte inoportuno se destaca iniciativas tanto privadas como públicas que contribuem positivamente.

Ainda dentro das propostas de atuações do *Slow Fashion* temos o *Pepe*, e que dentro do contexto da indústria da moda, é o movimento de reação de descartar roupas em alta quantidade. O *Pepe* começou a surgir, proporcionalmente à medida que a indústria *fashion* começou a se tornar mais rápida, oriundas de países como Estados Unidos e União Europeia.

São roupas que inicialmente iriam para instituição de caridade, pois não poderiam vender em lojas de roupas usadas, logo a opção mais rápida é encaixotar e mandar para países em desenvolvimento como Haiti, Gana e Congo. Apenas 10% das roupas que doamos vão de fato para brechós e quando descartamos essas roupas mais rapidamente, ano após ano, elas chegam em alto volume aos países citados acima (BBC, 2022). Um dos vários problemas que caracteriza o *Pepe* é o perecimento da indústria local, que é reduzida a quase nada. Uma profissão que antes era ensinada, passada de geração a geração, que movimentava o ciclo de aprendizagem de pessoas, agora já não existe.

Para lidar com esse transtorno, alguns países africanos implementaram restrições às importações de roupas de segunda mão nos últimos anos como parte dos esforços para proteger as suas indústrias têxteis nacionais. Entre elas estão as duas maiores economias do continente, a África do Sul e a Nigéria. Contudo há também uma outra ameaça para as indústrias locais: as importações chinesas, que são ainda mais baratas do que as roupas de segunda mão ocidentais e roupas feitas localmente.

A fragilidade dessas mulheres não é exclusiva, trazendo a narração para o contexto nacional vemos que a vítima tem características levemente diferentes. Ao procurar um pouco mais, vemos que no Brasil quem sofre são mulheres imigrantes, que geralmente vem de outros países latinos como Venezuela e Bolívia. Ao chegarem aqui, se encontram sem rede de apoio e suscetíveis a experiências abusivas, que infelizmente se concretizam e alimentam a desigualdade.

Um contraponto importante é que nem toda mulher envolvida nessa indústria está vulnerável. Saindo do ambiente de debilidade, vemos mulheres que estão gerenciando grandes empresas e que recebem lucros consideráveis com essa cadeia de produção. Já não estamos nos referindo a mulheres nas periferias globais e sim mulheres brancas, oriundas de uma classe social alta em países hegemônicos. Sendo assim, podemos confirmar que a vulnerabilidade dentro deste ciclo tem raça, classe e sexo.

**7.** O *Fast Fashion* acontece em cima destas inúmeras fragilidades. Apesar disso, há um contraponto a esse movimento que se chama *Slow Fashion*. O nome também de origem inglesa significa numa tradução livre “Moda Lenta”, que busca fazer exatamente o oposto do *Fast Fashion*. O *Slow Fashion* considera a valorização da mão de obra de quem faz a peça, preços justos, durabilidade do produto, preocupação com o meio ambiente e descarte de resíduos e tecidos em sua produção de forma adequada.

#### **4.2A indústria Têxtil: referências Internacionais**

Os autores citados no capítulo anterior discutem sobre o movimento *fast fashion* e quando se fala sobre esse movimento falamos também de trabalho. Vamos voltar e analisar um pouco mais o ciclo, mas especificamente o item 1 que fala sobre matéria prima. Sem essa parte o ciclo não começa e já no início do ciclo já podemos ver danos. Um dos principais itens usados para fazer produtos têxtil é o algodão, que já conhecemos e usamos com frequência. A produção desse item continua existindo, porém agora em larga escala. Há algumas décadas atrás, por volta dos anos 90, as técnicas de cultivo eram bastante simples.

A maioria usavam um produto chamado *Roundup Ready*, o que significa que os agricultores, em vez de pulverizar ervas daninhas, ocasionalmente em seu campo, ou contratar trabalhadores para o campo, removendo as ervas daninhas, estão agora pulverizando campos inteiros. Se o mercado pede que haja mais rapidez no processo de fabricação, então a maneira como antes se produzia o algodão já não é mais a mesma. Sendo assim a forma como se

maneja essa matéria prima foi redesenhada para manter o ritmo. Vamos a um cenário normalizado pelo fast fashion em uma fazenda no interior da Índia:

Antes de grandes empresas chegarem ao país com propostas de auxílio para o pequeno agricultor, o ciclo de plantação acontecia de um jeito mais “lento”, com produtos de assistência à produção moderados, a colheita demandava mais tempo para serem finalizadas, as trabalhadoras nessas lavouras possuíam um ritmo diferente e claro recebiam uma remuneração condizente com seu trabalho. Além disso, se o ciclo se acelera, a pressa chega também na terra. Sim, a terra que antes era respeitada, e tinha seu ciclo vivido corretamente, estação a estação, temporada a temporada, agora é apressada para ter uma produção maior e mais rápida.

Seguindo o ciclo chegamos a etapa 2, onde a mão de obra é o foco. O trabalho aqui não é como conhecemos. O cenário é: trabalhadores, com ambientes de trabalhos precários, ausência de equipamentos de segurança, horas extensas de trabalhos, baixa remuneração e sem qualquer tipo de amparo trabalhista. Esses trabalhadores também possuem perfis sócio econômicos. São geralmente mulheres pobres, com baixa ou nenhuma escolaridade, socialmente vulneráveis e com poucas opções de forma de sustento. Existem muitas pessoas com essas descrições pelo mundo, todavia é onde as fábricas estão, o lugar onde essas mulheres estão mais expostas. Dentro dessa pequena parte do ciclo existe o outro lado, o lado que não enxerga problema nessa espécie de mão de obra. É visto como: "essas pessoas só trabalham porque eu compro, então estou fazendo o bem pra elas”.

Quando chegamos na etapa 3, a compra, a conjuntura não é mais a mesma. Não estamos mais em países em desenvolvimento, estamos em países como Reino Unido, Estados Unidos, Canadá etc. As condições financeiras são mais abastadas, o poder aquisitivo é muito maior, o incentivo a compra está em todos os letreiros e há inúmeras propagandas estimulando as compras, a preços baixíssimos, o que torna tudo mais fácil.

Claro que há o ato da compra, se compra em algum lugar, em alguma loja e se formos fazer uma comparação entre o trabalho de pessoas em lojas varejistas em países desenvolvidos e trabalho análogo a escravidão em países não desenvolvidos, ambos da industria têxtil, vamos perceber que há fatores facilitadores para a criação e permanencia dessa conjuntura, tais como os citados acima e principalmente impostos a serem pagos da empresa ou fábrica, para o Estado, devido a permanência no local. Se ponderarmos bem, e procurar as razões pela qual as indústria têxtil mantém suas fábricas em países como Vietnã, uma delas é a ausência de pagamento de impostos. Muitos governos, com a necessidade/vontade de ter participação e lucros nesse circuito, permitem que haja não uma, mas várias fábricas instaladas no país.

Outra característica ímpar que envolve esse ponto do ciclo é o status quo que a roupa e, claro, a marca da roupa produz. A roupa tem o poder de transmitir imponência e sofisticação e assim elevar o status de quem a usa. Dessa forma, o que temos que trazer para o debate é o quanto um número pequeno de pessoas detém esse poder e o desfruta. Geralmente o palco desse pavoneio são eventos de moda internacionais, plataformas digitais entre outras. No entanto, nem todos que estão envolvidos no FF detém o poder aquisitivo para estar integrado a monumentais eventos de moda, a maioria das pessoas que consomem dentro deste movimento são pessoas comuns, de classe média e classe média baixa, que se encontram na camada C e D.

Caminhando para o quarto ponto do ciclo, vemos um indivíduo, num país desenvolvido, com um extenso guarda roupa e que frequentemente adquire mais peças. Aqui essa pessoa está sob o efeito da propaganda, que no ponto anterior do ciclo induz a compra excessiva. Já tendo uma grande quantidade de roupas, a pessoa em questão tem basicamente duas opções: ela compra mais peças/acessórios e acumula itens ou ela compra mais peças e descarta os itens “antigos”. Esse descarte geralmente é feito com uma boa intenção para instituições de caridades, porém apenas 3% das roupas doadas de fato chegam para pessoas carentes. Não só instituições de caridade recebem essas roupas, mas também bazares, brechós e demais estabelecimentos que trabalham com a venda de roupas de segunda mão. Mesmo com essas alternativas o volume de descarte de roupas continua sendo alto.

### **4.3 Alguns pontos no caso brasileiro**

O SF ainda está no começo no Brasil, esse é o primeiro ponto. Ainda carece de mais exemplos ou a visibilidade desses exemplos, mas também de uma legislação que ampare. Tanto do ponto de vista da produção, quanto do ponto de vista da problemática ambiental.

Uma iniciativa brasileira e pouco conhecida é o Banco do Tecido, localizado em Vila Leopoldina, zona oeste de São Paulo. Neste banco a moeda é tecido, seja ele um farrapo ou apenas uma peça velha. O cliente pode comprar os tecidos pesar e pagar pelo quilo ou se preferir é possível virar um “correntista”: a pessoa deposita qualquer tipo e quantidade de tecido no Banco, gerando créditos para a troca. Essa ideia foi promovida pela figurinista e cenógrafa Lu Bueno, proprietária do banco.

Segundo a empresa *Save On Energy* (2014), quando se trata de reciclagem de roupas a nível internacional, alguns países saem na frente como Irlanda, seguida por Alemanha e

Holanda. O ranking continua, porém quem está na frente são países em sua maioria europeus. Países nos quais as roupas são fabricadas no Fast Fashion ficam nas últimas posições, assim como os países que recebem o lixo têxtil. Apesar de no Brasil existir uma política nacional de resíduos sólidos - no qual o lixo têxtil se acomoda - não há de fato uma fiscalização que faça a lei valer. A fiscalização é quase nula, quando não inexistente.

Ajustando esse olhar para o cenário internacional, vemos que a conjuntura se repete. Alguns países - os europeus citados acima - possuem regras nítidas sobre como e onde fazer o descarte correto, que garantem a eles pouco mais de 50% de produtos têxtil reciclado, todavia levando o olhar para o leste europeu, américa latina, alguns países da África e alguns da Ásia, as leis são voláteis e até mesmo permitem que recebam lixo têxtil. O obstáculo aqui é no que essa quantidade de peças se tornará. Os países que os recebem não possuem estrutura para transformar o lixo têxtil em algo proveitoso e enviá-lo ao mercado novamente. Logo o acúmulo se dá em aterros e por lá ficam por até 200 anos, dependendo do material.

**Figura 7** – Lixão de roupa a céu aberto no Deserto do Atacama



Fonte: BBC/Foto: Nicolas VARGAS. 2021.

Para escutarmos as vozes desse movimento, há ativistas ao redor do globo que investem suas vidas em criar e divulgar suas marcas, investem tempo manifestando suas percepções e ideias, seja em plataformas online ou conferências presenciais. Uma delas é Safia Minney (Figura 15), autora e empreendedora social britânica. Ela foi a fundadora da empresa global People Tree na qual dirigiu por 24 anos e hoje é ex-CEO, uma marca de moda pioneira de comércio justo e sustentável.

**Figura 8** – Ativista Safia Minney**Figura 9** – Vandana Shiva

Fonte: Banco de dados do Google Imagens/Org.: A autora. 2020.

Ela também é porta-voz e ativista em comércio justo e moda ética por meio de sua liderança e de seus livros publicados, o último deles se chama *Slow Fashion* (2016) e trata de mostrar ao mundo o movimento de lojas de conceito ecológico, design de moda sustentável é um negócio que coloca pessoas, meios de subsistência e sustentabilidade ambiental no centro de tudo o que faz.

Partindo para o oriente temos também a ativista indiana Vandana Shiva (Figura 16), que possui notório reconhecimento. Vandana é uma filósofa, física, ecofeminista e ativista ambiental. Ela é diretora da Fundação de Pesquisas em Ciência, Tecnologia e Ecologia, com sede em Nova Déli, e uma das líderes e diretoras do Fórum Internacional Sobre Globalização. Enquanto Eco feminista, Vandana trabalha com temas que envolvam a natureza e dentro da defesa do *Slow Fashion* não é diferente. Desde que grandes corporações do agronegócio chegaram à Índia, a luta tem sido sobre proteger a terra e os indivíduos a quem elas originalmente pertencem e dependem.

Uma ação que chamou muita atenção nas mídias sociais há alguns anos foi a *#QuemFezMinhasRoupas*, que buscava chamar atenção dos consumidores para saberem qual origem das peças que vestem. Uma tentativa de trazer visibilidade para algo que enxergamos como natural.

Uma outra maneira de ativismo em prol do *Slow Fashion* pode ser encontrada em mídias sociais como o Instagram. Nessas plataformas o ativismo torna uma faceta mais suave e se associa ao trabalho de influenciadores digitais o que faz com que a mensagem do SF chegue mais rápido para um número maior de pessoas numa faixa etária mais jovem.

Para se falar de moda sustentável para essa geração é necessário ir contra algumas crenças populares como a de que adquirir roupas de segunda mão é um sinal de carência e a de que são roupas originalmente de pessoas falecidas e, portanto, podem trazer infortúnio. Essas características podem parecer frívolas e sem nexos mas estão vivas no imaginário popular de forma muito forte.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até alguns meses atrás, minha percepção e conhecimento sobre a indústria têxtil era muito restrita, de forma alguma ligava a mão de obra análoga a escravidão a essa indústria e nunca me ocorreu que seus trabalhadores, em sua maioria mulheres, tinham sua mão de obra extremamente explorada. Depois de me aprofundar mais nesse tema, determinados assuntos relacionados também chegaram até mim, como o uso de recursos naturais e descartes inadequados. Assim, despertou a necessidade de trazer essas informações para o maior número de pessoas que pudesse, pois creio que é um assunto que envolve toda a sociedade, visto que todos, direta ou indiretamente, estamos dentro do ciclo da moda.

No meio deste grande oceano de novidades, tive um primeiro contato com nomenclaturas novas como o Fast Fashion e o Slow Fashion. Para entendê-los foi preciso antes assimilar a cadeia produtiva por traz e qual o objetivo de cada um. O conceito de FF, que adotamos no trabalho, diz da produção rápida e em grande escala das roupas. Além disso, o consumo e descarte também são rápidos. Essas roupas possuem preços acessíveis e chegam mais rápido em um grande número de pessoas (UMODE, 2020)

Foi lendo mais sobre o que percebi, pela nomenclatura e pelo objetivo que o SF é naturalmente o oposto do FF, pois traz uma perspectiva mais humanizada e inteligente do ciclo da roupa, ou de uma valorização da cadeia de produção, das trabalhadoras, respeito ao meio ambiente e à cultura local. (INSIDER. 2021)

Esses dois termos foram primeiramente apresentados através do documentário *The true cost*, que aborda o trabalho nesse ramo. Ele apresenta uma história sobre roupas. É sobre as roupas que usamos, as pessoas que as fazem e o impacto que a indústria está causando em nosso mundo. Esse documentário teve fundamental importância para a fomentação deste trabalho e foi responsável também por trazer uma visão mais crítica sobre porque compramos tanto, além de fazer uma pergunta poderosa: quem faz as nossas roupas?

No passado, essa foi uma das várias perguntas que não conseguia responder, já que não tinha ciência da cadeia produtiva. Creio que o fato de não sabermos de onde nossas roupas vêm, é um trunfo que favorece o FF. Como e quem vai reivindicar algo do qual não tem conhecimento? Mesmo não sendo uma compradora voraz, devido a minha realidade economicamente limitada, percebi sendo parte do FF, no que diz respeito ao descarte irregular. Logo constatei que podemos ser “capturados” de diversas formas por essa articulada

rede de malefícios do FF. As pessoas que consomem e as pessoas que são mão de obra dentro desta indústria, são apenas produtos dentro do sistema e o que precisamos fazer é mudar como as empresas operam.

Em contrapartida, conheci e me identifiquei com o SF. O Slow Fashion é o início de um enorme e lento caminho, não apenas para ser uma forma responsável de abrir caminho, mas para uma nova forma de capitalismo, para uma nova forma de economia. O SF traz uma esperança de mudança significativa ao longo dos próximos 15/20 anos. Faz também-nos perceber que o capital é apenas dinheiro e dinheiro é um meio e as pessoas devem ser responsáveis pela forma que ele é usado. O Slow Fashion propõe que não se fale de trabalho e sim de trabalho coletivo e criativo, que use os recursos naturais não sejam tratados como mercadoria mas como a própria base da vida. Incluindo o fato de que é muito benéfico tornar cada consumidor em um ativista que faça perguntas éticas no momento de avaliar suas compras.

Minha perspectiva é e sempre será otimista. Do lado de cá do globo percebo que de certa forma ainda somos privilegiados, assim podemos usar esse ponto a nosso favor. Se engajar em movimentos em prol do trabalho decente, seja através de redes sociais ou no mundo real. Vejo esse engajamento se manifestando também através de ações coordenadas, na compra de peças de segunda mão oriundos de brechós e bazares, pois o SF é coletivo.

Creio que existem muitas pessoas que, assim como nos propusemos no passado recente, não possuem conhecimento sobre como funciona o ciclo que uma roupa faz, ou de onde ela vem. Assim vejo como fundamental incitar o debate, não apenas na camada acadêmica, mas principalmente fora desses espaços. Iniciar o debate com amigos e familiares de forma branda e alimentá-los ao longo do tempo é preciso, assim ganhamos aliados para o movimento.

Sendo ponderada sobre o tema, digo que é um trabalho vagaroso por suas razões. Primeiro porque conscientizar um grande número de pessoas é árduo, sobretudo quando se vai contra uma massiva e constante concepção de que ter é ser. Segundo porque isso vai contra o conforto de se manter passivo numa situação no qual não receberemos recompensas imediatas. Diante disso, uma coisa é certa, precisamos agir agora.

## REFERÊNCIAS

AFP (Agence France-Presse). **Existem mais de 40 milhões de escravos no mundo**. Revista Eletrônica Carta Capital, em 24/11/2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/existem-mais-de-40-milhoes-de-escravos-no-mundo/>>. Acesso em: 22 de julho de 2020.

ALFONSIN, Jacques Távora. **A reforma trabalhista e o apoio oficial ao trabalho escravo**. Ano 2017. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/opiniaopublica/2017/10/reforma-trabalhista-e-o-apoio-oficial-ao-trabalho-escravo-por-jacques-tavora-alfonsin/>>. Acesso em: 20 de julho de 2020.

ANDRADE, Raquel Rabelo. **Cadeia produtiva da moda: panorama e descrição**. 2015. Disponível em: < <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/article/view/21353> >. Acesso em 25 de Maio de 2022

ARANTES, Hellen Rodrigues. **FASHION REVOLUTION BRASIL: O CONSUMO CONSCIENTE NO COTIDIANO DO INSTAGRAM À LUZ DA PUBLICIDADE SOCIAL DE CAUSA**. 2020. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/13040>>. Acesso em 27 de Maio de 2022.

BAUMAN, Zygmunt . **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro. Zahar. 2008.

BBC. **Fast fashion: European Union reveals fast fashion crackdown**. 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/science-environment-60913226>>. Acesso em 14 de Abril de 2022.

CASTRO; LIMA & Cristo. **Cadeia produtiva de GAC e desempenho econômico**. 2002. Disponível em: <[https://www.ipt.br/centro\\_publicacoes\\_interna.php?id\\_publicacao=268&id\\_unidade=&qual=p\\_publicacoes](https://www.ipt.br/centro_publicacoes_interna.php?id_publicacao=268&id_unidade=&qual=p_publicacoes)>. Acesso em 25 de Maio de 2022

DELGADO, Daniela. **Fast Fashion: Estratégia para a conquista do mercado globalizado**. 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/7598>>. Acesso em 27 de Maio de 2022.

GALINDO, Deborah. **Termos da moda**. 2021. Disponível em: <<https://deborahgallindo.com/termos-da-moda/#:~:text=Fast%20Fashion%20-%20o%20fast%20fashion,e%20descarte%20também%20são%20rápidos>>. Acesso em 25 de Maio de 2022.

Gama, Maria Luiza. **O trabalho análogo à condição de escravo no setor têxtil brasileiro**. Revista eletrônica Boletim Jurídico, Ano 2019. Disponível em: <<https://www.boletimjuridico.com.br/artigos/direito-do-trabalho/4646/o-trabalho-analogo-condicao-es-cravo-setor-textil-brasileiro>>. Acesso em 28 de junho de 2020.

GELEDÉS. **O conceito de gênero por Joan Scott: gênero enquanto categoria de análise**. 2013. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-conceito-de-genero-por-joan-scott-genero>>

enquanto-categoriade-analise/>. Acesso em 26 de Maio de 2022.

GONÇALVES, G. R. **Espetáculo, alienação espacial e queda tendencial do valor de uso na obra de Guy Debord**. GEOUSP Espaço e Tempo (Online), [S. l.], v. 23, n. 1, p. 059-075, 2019.

INSIDER. **Conheça o conceito de slow fashion e sua importância para o meio ambiente**.

2021. Disponível em: <<https://blog.insiderstore.com.br/conheca-o-conceito-de-slow-fashion-e-sua-importancia-para-o-meio-ambiente/>>. Acesso em 08 de Fevereiro de 2021.

NIINIMAKI, Kirsi. **Sustentabilidade na Estratégia Empresarial: Análise Comparativa de Empresas da Moda Brasileiras e Suecas**. 2020. Disponível em: <<http://engemasp.submissao.com.br/23/arquivos/437.pdf>>. Acesso em 24 de Maio de 2022

LEITE, Romildo de Paula. **Trabalhadores da indústria têxtil no Camboja pressionam H & M, Walmart e Zara por um salário digno**. 2014. Disponível em: <<http://textileindustry.ning.com/forum/topics/trabalhadores-da-industria-t-xtil-no-camboja-pressionam-h-m?commentId=2370240%3AComment%3A591245>>. Acesso em 24 de Maio de 2022.

Lima, Emily Vielmo de. **A EXPLORAÇÃO DO TRABALHO ESCRAVO CONTEMPORÂNEO NA INDÚSTRIA DA MODA**. Revista Eletrônica Brasil Escola Monografias. Disponível em: <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/direito/a-exploracao-trabalho-escravo-contemporaneo-na-industria-moda.htm>>. Acesso em 15 de junho de 2020.

MARÇAL, Katerine. **O lado invisível da economia**. Editora Alaúde. 2017

MONTE, Izadora Xavier do. **O debate e os debates: abordagens feministas para as relações internacionais**. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/r3pc8yVXBf6FqHPBBcH9Xxy/?format=html&lang=pt>>. Acesso em 25 de Maio de 2022

MORI, Natalia Tinoco. **Slow Fashion: conscientização do consumo de moda no Brasil**. Monografia, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. 2016. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/moda/monografias/NATALIA%20MORI-USP.pdf>>. Acesso em 17 de julho de 2020.

NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. **Teorias das Relações Internacionais: Correntes e Debates**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

PAÚL, Fernanda. **'Lixo do mundo': o gigantesco cemitério de roupa usada no deserto do Atacama**. 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60144656>>. Acesso em 26 de Maio de 2022.

PODERNER, Bárbara. **Para onde vai tanta roupa: o colonialismo moderno disfarçado de doação**. 2020. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/fashion-revolution/para-onde-vai-tanta-roupa-o-colonialismo-moderno-disfarçado-de-doacao/>>. Acesso em 27 de Maio de 2022.

PRADO, Tatiana. **O que é cadeia produtiva e qual sua finalidade?**. Ano 2020. Disponível em: <<https://www.voitto.com.br/blog/artigo/cadeia-produtiva>>. Acesso em: 26 de Maio de 2022.

RECH, Sandra Regina. **Estrutura da cadeia produtiva da moda**. 2008. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/5140/514051712004.pdf>>. Acesso em 26 de Maio de 2022.

SAFFIOTI, Heleieth. **O conceito de gênero por Heleieth Saffioti: dos limites da categoria gênero**. 2013. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-conceito-de-genero-por-heleieth-saffioti-dos-limites-da-categoria-genero/>>. Acesso em 10 de Fevereiro de 2022.

Santos, Felipe Augusto dos. Revista Eletrônica Dialnet em 2009. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6551573>>. Acesso em 10 de julho de 2020.

SASSO, Nathalia. Revista Eletrônica Humanista em 14/06/2018. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/humanista/2018/06/14/movimento-global-denuncia-o-trabalho-escravo-na-mod-a/>>. Acesso em 19 de junho de 2020

SCOTT, Joan. **Gênero, uma categoria útil de análise de história**. 1995. Disponível em: <[https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1210/scott\\_gender2.pdf](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1210/scott_gender2.pdf)>. Acesso em 24 de Maio de 2022

UMODE. **O que é fast fashion e por que o assunto é tão polêmico?**. 2020. Disponível em: <<https://www.umode.com.br/fast-fashion-por-que-polemico/>>. Acesso em 14 de outubro de 2021

ZAWISLAK. **DINÂMICA DA MODA UM ESTUDO SOBRE A CADEIA PRODUTIVA DA MODA**. 2008. Disponível em: <<http://tcc.bu.ufsc.br/Economia292125.pdf>>. Acesso em: 23 de Maio de 2022